

AUSÊNCIA DE MILITÂNCIA: ENFRAQUECIMENTO DO PERFIL DOCENTE DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Genilda Alves Nascimento Melo (1); Célia Jesus dos Santos Silva (2); Andréia Quinto dos Santos (3).

(1) Instituto Superior de Ciências Educativas (Ramada - PORT); genilda2010@gmail.com;

(2) Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus – BA); celiaflorzinha@gmail.com.

(3) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); andreia.quinto@hotmail.com.

Resumo: Esta pesquisa se **propõe** a discutir o enfraquecimento do perfil docente, da escola básica estadual, como causa da ausência de participação dele em seu movimento de classe. A sustentação teórica por Alarcão e Canha; Zygmunt Bauman; Lucy Costa; Olgaíses Maués et all; Deleuze e Garatarri; Claude Dubar; Gouveia e Ferraz; Vagna Lima; Richard Sennett; Tardif e Lissard; Minayo e Guerriero; Antonio Nóvoa; Bárbara Ramaccotti; Teodoro e Lara; Teixeira e Schiites; José Ramalho; cotejará o educador desterritorializado, em crise identitária, sem empoderamento social, frente as novas demandas trazidas pela sociedade do conhecimento, além disso, desvinculado de uma militância. **Método** qualitativo de pesquisa, com análise de entrevista semiestruturada, possibilitou conhecer a fragilidade docente em meio os processos estressantes pelo afastamento da luta social e representativa. **Resultados:** É imperativo que o docente da escola básica se una, independente das circunstâncias atuais e resgate os valores de militância, com parte de autoestima; reconstrua a identidade sindical e profissional, como empoderamento de uma classe.

Palavras chaves: perfil docente; militância; identidade sindical e profissional

1. INTRODUÇÃO

As transformações sociais trouxeram para o campo educacional uma crise em série, que vai desde a reorganização dos espaços físicos; perpassam pela ressignificação dos ambientes de aprendizagem; caminham pela estrutura didático – pedagógica; adentram na sala de aula; alcançam professores, alunos e comunidade. Encontram professores com práticas desalinhadas do discurso; alunos sem objetivos visíveis e a comunidade que busca uma resposta para os resultados diferentes das propostas oferecidas. Para o professor, situação de desalento, incerteza, dúvidas, fragilidades; há cobranças sem apoio.

Essas situações provocaram o afastamento docente de sua representação. Estabeleceu – se um enfraquecimento do perfil docente. A sociedade considera a profissão docente como suporte principal ao crescimento social de seus indivíduos, exige, quer resultados, mas não respeita como profissão base. Enfrenta, destrata, invade a privacidade dos saberes, determina o que deve ser feito. Por outro lado, destina –se a Escola funções específicas de outros ambientes de formação, vem a sobrecarga.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br www.conedu.com.br

Neste momento, há necessidade que surja um grupo representativo forte, para que, alinhado aos objetivos da escola, trace caminhos acertados e inéditos para atender a essa dinâmica, da mais linear sociedade do conhecimento. É preciso, portanto que haja nova formação identitária docente junto ao movimento sindical, reconstrua – se a militância de classe.

1.1 Formação identitária docente e o movimento de classe

As profundas e rápidas mudanças, por que tem passado a sociedade, vem deixando um rastro de intranquilidade entre os profissionais da educação, pois que a velocidade com que novas informações chegam e passam não dão conta de que o professor se encontre, se refaça, forme novas práticas pedagógicas que atendam às necessidades de crescimento para o aluno do século XXI – instável, individualista, integrante de uma sociedade líquida, com identidade em crise. (BAUMAN, 2005)

Neste embate pessoal, o educador precisa de um coletivo para se agregar e buscar soluções imediatas, tais quais as transformações sofridas em curto espaço de tempo, visto que além dos problemas básicos de estratégias didático – pedagógicas, surgem também as questões de políticas públicas envolvendo direitos e garantias deixados para trás, junto ao modelo antigo de educação, mas que serviu de base para que o docente chegasse a esse novo momento.

Em posição inversa, a sociedade do conhecimento chega e despreza os valores dos profissionais em educação. Traz condições de trabalho mais complexas, com menos aparato estrutural; mais exigência para com resultados, menos apoio financeiro. O professor precisa de mais eficiência na ministração das aulas, porém recebe classes abarrotadas de alunos; entretanto, em regra geral, há responsabilização do professor aprender do aluno. Este profissional não tem reconhecido o seu trabalho pelo seu grupo social.

É neste ponto de convergência que se faz necessário a atuação de representação da classe docente. O fortalecimento do trabalho individual será transformado em coletivo, quando o professor der, novamente as mãos em parceria ao grupo de militância. A representação de classe é, ao mesmo tempo, sujeito coletivo e de representação, pois que a ação grupal agenciará discussões; buscará a reestruturação nas

garantias perdidas; lutará por novas condições de trabalho, para que fortaleça o processo técnico – pedagógico.

Claude Dubar (2012) observa que a escolarização continua se expandindo em todo mundo, mas há dois elementos distintos sociologicamente: o grupo que é reconhecido e o que não é reconhecido pela sociedade. Dolorosamente, isto se aplica a profissão – docente. Em pesquisa sobre identidade profissional, este autor mostra que a construção de uma carreira profissional, reconhecida pelo social, não se dá apenas pelos conhecimentos teóricos adquiridos da academia, mas no sucesso adquirido na prática, no desempenho da profissão, no relacionamento diário com as pessoas que receberão os serviços daquele profissional. O professor, portanto, precisa resgatar este vínculo social. É através da representação classista que ele terá força. Este profissional precisa atuar junto a outros espaços de formação, com vistas a busca de elementos que reconstruam os saberes, reinventem modelos compatíveis a pós – modernidade. O sindicato da categoria precisa ser um desses imprescindíveis espaços de formação para a reconstrução da identidade docente.

1.2 Enfraquecimento do perfil docente e a ausência de militância

Dubar (2006) defende que a identidade não é unidade que se conserva na subjetividade, pensada pelos clássicos. É, antes de tudo, um misto paradoxal de “diferenciação e generalização”. Em primeiro momento, a diferença é a identidade, entretanto, essa identidade só acontece em um grupo de pertença. “É aquilo que existe de único e é aquilo que é partilhado” (DUBAR, 2006, p. 7-8) Em análise do professor, a perda de identidade se deu também por não mais encontrar força dentro do grupo dele. A profissão (professor) perdeu o lugar na escala social. Assim, “a identidade não é apenas social, ela é também pessoal” (idem p. 10) [...] “são maneiras socialmente reconhecidas para os indivíduos reconhecerem uns aos outros no campo do trabalho e do emprego” (ibidem, p.46)

A crise existencial do professor é resultado de um misto de problemas acumulados na família, na vizinhança, no trabalho, na ausência do plano de carreira, da invisibilidade profissional, pois “não existe identidade sem alteridade, isto é, sem relação entre si para o outro” (ibidem, p.30). Diferente de outras classes profissionais, o docente entra em movimento de protesto, mas não é sequer ouvido. Exemplo clássico

foi a greve de 115 (cento e quinze) dias dos profissionais em educação no Estado da Bahia no ano de 2012. O governador fez recusa em receber o grupo representante. Inúmeras famílias ficaram sem salário; outras famílias foram demitidas. Nenhuma reivindicação alcançada. O professor está em situação de “identidade partilhada por um grupo desprovido de memória coletiva, desvalorizado, perda de referência”. (DUBAR, 2006, p.57)

O retorno dos professores desta paralisação trouxe muitas doenças: pressão alta, desmaios, arritmias, estresse, depressão; em muitas vezes, por motivos banais, o professor colocou alunos para fora da sala de aula, fez troca de palavras ofensivas, saiu da sala aos prantos e deixou a turma. Note-se que 2013 foi um ano adverso para o professor-regente de classe e isso gerou o sentimento de baixa autoestima. Veio à materialidade o valor biológico do corpo sem órgão, no sentido do esvaziamento de si. A improdutividade docente, o desânimo de retornar as atividades de docência. Diferente do valor cinético do corpo sem órgão de Deleuze e Guatarri (2010), o professor não redirecionou para fruição, intensificação, não se dispôs encontrar outras estratégias para o fazer didático pedagógico com funções de “transformar a impotência e a tristeza em potência de agir e pensar e alegria de viver” (RAMACCIOTTI, 2012, p.4)

Por outro lado, a falta de credibilidade e de confiança do professor em sua militância o fez desistir também da participação nos movimentos de classe. Em diversos momentos de paralisação da classe, poucos são os professores que se fazem presentes em caminhadas, protestos. Muitos ainda não veem razão em parar as aulas naquele período solicitado, pois a descrença alimentou a ideia de que não valia à pena. Dubar (2006) argumenta que o resultado positivo dos movimentos classistas do século XX ocorreu em razão de que os militantes “exprimiam, pelo menos parcialmente, uma solidariedade operária, uma autêntica forma de consciência de classe” (idem, p.28)

Em estado de frustração, por não conseguir encontrar as causas ou causadores, o profissional em educação revelia-se, chega ao desamparo. Como o Outro deixou de ser representação, o Eu refugia-se em si mesmo: uma maneira de preservação da identidade adquirida, quando havia a mediação entre o EU e o Nós. Hoje, o professor é estrangeiro em si mesmo. Sente-se incompreendido pela mãe (sociedade) ou pela ausência total, simbolizado pela morte dessa mãe que existia no século XX. A representação sindical, que entrou em falência múltipla, transformou o educador em órfão, um imigrante.

José Ramalho (2014) mostra que o sindicato deve funcionar com frente de resistência, já que essas mudanças, nos movimentos sociais, fazem parte da conjectura que o sistema de trabalho saiu do tradicional econômico-industrial para o cultural, afetou também o comportamento coletivo. A identidade pessoal de cada trabalhador é modificada, no tempo e no espaço na vida cotidiana, a motivação e os padrões culturais da ação individual foram afetados, pois o sentido da atuação em grupo depende de uma referência coletiva. liberdade de expressão, a autonomia dos sujeitos trouxe novos valores para os indivíduos. Os produtos são consumidos através de uma grande carga de informação e simbologia: tendência à particularização.

No século XXI, foi aberta outra vez a “Caixa de Pandora”¹, a liberdade e a autonomia – a emancipação tornou os sujeitos mais individualizados, apesar de coletivos. As necessidades são cada vez mais atendidas de forma automatizada pelo aperfeiçoamento dos sistemas modernos de informação. Dessa forma, os conflitos tendem a ser temporários. Os indivíduos não mais lutam por pequenos grupos, o importante hoje é ser rede com fins específicos para grandes mobilizações pela paz, pelo aborto, contra a política nuclear o que ele chama de códigos culturais. Por se viver em uma sociedade fluida, os indivíduos têm compromissos de curta duração. Não há entusiasmo por engajamentos, como em modelos anteriores. O homem moderno vive no paradoxo de ser individual e coletivo ao mesmo tempo. Há o aprisionamento do sujeito em sua liberdade. Mas tal liberdade é ilimitada, embutida impotência, já que esta aprisiona o próprio sujeito.

A crise existencial do professor no Estado da Bahia teve ainda como elemento motivador o assentimento político do movimento da classe na esfera governamental. A voz conflituosa do professor foi silenciada pela condição dual de sindicato e governo serem as mesmas representações, já que vindicações e poder não podem ser exercidos pelas mesmas pessoas. Teixeira e Schiites (2014) argumentam que os direitos do cidadão, na prática não servem para o que foi pensado em sua origem. O envolvimento docente em luta de classe, indica alguns motivos pelos quais os professores arrefeceram-se no movimento: frequentes decepções – não cumprimento de acordo do governo, formas de abordagem na sensibilização do professor; medo de represálias, tais como corte salarial, demissão, punições aplicadas pelos dirigentes escolares. Somam-se

¹ Forma analógica de tratar problemas com origem maléfica, mas indefinida.

a isto as disputas internas do sindicato, onde diferentes ideologias não convergem ao fim coletivo, mas ao desrespeito, à intolerância e falta de ética nas discussões. Outro fator em nuance é o isolamento do professor pelo excesso de carga horária de trabalho, como ainda, a corrosão temporal do modelo de dedicação integral.

Figura 1- sintoma de desvalorização da profissão docente

“O **corte** nos pontos dos profissionais grevistas foi comunicado às 33 diretorias regionais, na capital e no interior do estado, no dia 18 de abril. A medida foi baseada, segundo a secretaria de Educação, na decisão do próprio TJ-BA, que determinou a **ilegalidade** do movimento grevista. No **recurso** acerca do pagamento dos salários, a PGE argumentou que pagar salários vai de encontro com a declaração de ilegalidade afirmada pela Justiça baiana.”

Fonte: Globo.com. 12/06/2012 19h53 - Atualizado em 12/06/2012 19h53.
Disponível em: <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2012/06/stj-decide-manter-corte-dos-salarios-dos-professores-em-greve-na-bahia.html>

Richard Sennett (2009) postula que as instituições precisam ser modernizadas a cada dia. Procurar novas estratégias de trabalho, pois se isto acontece, o declínio vem, visto que “se não faz alguma coisa nova, a vida, como um terno muito usado, vai-se tornando cada vez mais esmolambado” (SENNETT, 2009, p.91). Alarcão e Canha (2013) mostram condições que a escola tem de mudança, mas precisa trabalhar na resistente dinâmica interpessoal e dialogada, movida por uma visão para mudanças, a fim de criar uma realidade sustentável, para categoria. É, outra vez, Nóvoa (2017) que analisa profissão docente, mostra a necessidade de afirmação, já que a crise sindical da profissão professor tem sido, por não mais haver harmonia entre o modelo sindical atual e as necessidades de organização dos professor, pois uma das maiores dificuldade é, a “falta de apoio”, atribui-se também a ausência de uma representação de classe.

Bauman (2001) corrobora com uma previsibilidade de um mundo novo, com a diminuição da vontade de luta por reforma social, visto que o declínio do engajamento político, foi substituído pelo prazer ‘eu primeiro’. O sociólogo da pós-modernidade aponta como segunda característica desta nova sociedade a ausência de liderança, pois “não há mais grandes líderes para lhe dizer o que fazer e para aliviá-lo da responsabilidade pela consequência de seus atos; no mundo dos indivíduos, há apenas outros indivíduos, cujo exemplo seguir na condução [...] da própria vida” (p.21) Fato que traz a ideia da “corrosão e a lenta desintegração da cidadania”, já que o “indivíduo é o pior inimigo do cidadão” (p. 25) Maués, et al (2015) defende que precisa – se de uma política de expansão a reconfiguração de papéis impostos pela sociedade moderna. Novos significados da relação privado/público. Estados cooperativos dos sujeitos se confundem o Eu e o Outro. A quem recorrer em situações de desamparo?!

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br www.conedu.com.br

1.3 Reconstrução de uma identidade sindical – um imperativo imediato.

A sociedade atual tem uma visão distorcida sobre a identidade do professor. A mídia corrobora no sentido de que pouco se divulga, quando os resultados são positivos e nunca se anuncia as dificuldades encontradas pelos professores, diante dos fatores externos que promovem o vagaroso e gradativo desenvolvimento do aluno.

Lucy Costa (2010) descortina os “Não – Ditos”, de Perrenoud (1999), na relação professor / aluno, que funciona como entrave no desempenho da prática pedagógica: o medo da agressão subjacente nos bairros marginalizados; a sedução negada – o professor não tem mais artifícios para seduzir o aluno a participar das atividades diárias da aula, no confronto com as novas tecnologias e ausência de estrutura didático pedagógica das escolas; o poder vergonhoso – a autoridade de mestre em sala de aula é proibida. Outras profissões, outros ambientes de formação exercem o poder para ter bons resultados, mas ao professor isto é indigno, visto como violência; a avaliação toda poderosa – é o fim último do trabalho escolar. O docente gasta horas do tempo pedagógico preparando teste, provas, outros para medir o imensurável (conhecimento), mas que não se apercebe o quanto é dolorosa e injusta a avaliação; dilema de ordem – situações didáticas de risco encontradas diariamente, que podem ser conduzidas ao fracasso e a exclusão escolares; a parte da bricolagem – ser criativo, correr risco, usar instrumentos de outras áreas, apostar em novo resultado; a solidão ambígua – fechamento aparente em um fazer pedagógico, mas que é determinado pela sociedade e prescrito pelas instituições de que faz parte; o aborrecimento e a rotina – o tempo de profissão faz o afligir das mínimas situações, entretanto o docente é um dos únicos profissionais que tem muitas atribuições; inconfessável distância – a pesquisa e a prática ainda é um fosso no trabalho docente, o mundo global trouxe a complexidade; a liberdade sem responsabilidade – a semiprofissionalização: dota de “autonomia” o professor, mas nega o aparato técnico – pedagógico, condições gerais de produção, para que alcance os objetivos propostos.

Maurice Tardif e Claude Lessard(2009); Teodoro e Lara (2015) comentam que a categoria professor assemelhada ao proletariado trouxe a diminuição da autonomia no processo do trabalho, a perda do status quo, induzindo ao empobrecimento da categoria, nivelando este profissional aos demais trabalhadores que vivem achatados pela

exploração capitalista, bem ainda pela opressão política, uma consequente perda de identidade. O retorno às origens de militância é ordem a priori. Dar as mãos, entrelaçar ideias, consolidar identidade docente, isto só é possível dentro de um grupo de pertença.

2 METODOLOGIA

A realização da pesquisa se deu com o levantamento bibliográfico sobre o enfraquecimento do perfil docente ao se afastar do seu movimento de classe. Esta é uma pesquisa teórica e foi desenvolvida em uma abordagem quali – quantitativa. A escolha por esse tipo de abordagem se deu por apresentar um amplo leque de possibilidades a serem investigadas e indagações que estão presentes no cotidiano, o intersubjetivo e a reflexão sobre vários elementos da pesquisa permitem a interatividade entre o pesquisador e o outro (MINAYO e GUERRIERO, 2014).

O estudo foi realizado com professores das áreas da Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias que atuam na rede estadual de ensino, da Educação Básica, de escolas públicas distintas. Os entrevistados tinham idade entre 25 a 58 anos e tempo de serviço entre 5 a 20 anos na rede.

O objetivo foi conhecer o sentimento e o entendimento dos professores sobre a relação de identidade sindical e profissional; saber como está a frequência do professor em encontros com o sindicato; identificar prejuízos da classe com a ausência da militância; propor atitudes de retomada para uma nova relação professor / sindicato.

Utilizou –se de entrevista semiestruturada, para realização da coleta de dados, contendo questões subjetivas, apresentadas no quadro 1, no tópico resultados e discussões. Tais indagações foram aplicadas no processo de amostragem com os docentes.

Laurence Bardin (2016) argumenta que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das informações, que visa obter, por procedimentos objetivos, o conteúdo das mensagens. Assim, os dados foram categorizados, considerando as semelhanças e distinções entre as respostas. Critério utilizado para classificação das informações foram as ideias mais relevantes.

3 RESULTADOS

A composição para análise do conteúdo, Laurence Bardin (2016), em amostra representativa das ideias dos professores entrevistados sobre, relação de identidade sindical e profissional; saber como está a frequência do professor em encontros com o sindicato; identificar prejuízos da classe com a ausência da militância; propor atitudes de retomada para uma nova relação professor / sindicato trouxe um retrato verossímil aos acontecimentos atuais.

André Gouveia e Marcos Ferraz (2013) defendem o envolvimento dos professores em luta classista com fins de fortalecimento, para maior valorização profissional, seguridade de uma identidade sindical. A ausência do professor na militância de classe foi justificada pelo excesso de trabalho, responsabilidades familiares maiores; aumento das atividades do lar, pela saída do profissional do trabalho doméstico (com os novos direitos desta profissão, não tem aporte financeiro para mantê-lo; o professor ocupa maior tempo em trabalhos do lar impossibilitando a participação em movimentos classistas. Vagna Lima (2014) discute como um dos aspectos de declínio da categoria sindical, o reflexo das transformações políticas, sócio econômicas e tecnológicas. Com vistas a globalização, há um processo de cultura global que enfraquece a formação de uma categoria de defesa. Novas leis de relação trabalhista têm dificultado a efetiva participação do sindicato na defesa do grupo, já que partidos de direita tendem criar leis que reduzem a ação sindical.

Gráfico 1- posição atual do professor na relação com sindicato



Fonte: análise de dados da pesquisa (autoras) – maio/2018

Prejuízos causados pelo afastamento do grupo sindical pelo professor – falta de informação; isolamento social; o desempoderamento social – descrédito da comunidade

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br www.conedu.com.br

pelo enfraquecimento; perda de identidade de classe; perda de direitos conquistados: defasagem salarial, plano que não atende às demandas de saúde do professor; perda de garantias ligadas ao Plano de Carreira Docente. “Grita em vão”, fica sem oportunidade de “lutar e cobrar”² os direitos.

Propõe – se uma urgência para que o docente retorne à militância, retome os valores sindicais; eleja novos representantes; revitalize os ideais; convoque os colegas ao novo desafio de rever padrões para novamente agregar e crescer. André Gouveia e Marcos Ferraz (2013) identificam o campo sindical como ambiente privilegiado para a reconstrução da identidade profissional, traz espaços de liberdade, que assegura a autoestima docente.

Gráfico 2- urgência no repensar sindical



Fonte: análise de dados da pesquisa (autoras) maio/2018

4 CONCLUSÕES

As novas exigências trazidas no pacote da globalização – excesso das atividades, tarefas que antes não eram da competência da escola, trabalho que extrapola a sala de aula – trouxeram o cansaço físico e mental, a ponto da exaustão. O desencanto pelo que faz, o desalento em não realizar projetos, a falta de perspectivas em relação ao tratamento dado ao professor pelas autoridades, pelos pais e pelos alunos, provocou no docente um isolamento em si, constantes em os “Não – Ditos” de Perrenoud (1999).

A história sindical docente deixou para trás elementos básicos como, apoio a classe, compromisso político com uma educação de qualidade e de ser um espaço de discussão que encontre solução para uma área tão dinâmica e sofrida que é a educação.

² Fala de professores entrevistados

As novas demandas de sala de aula não têm par. Essas e demais situações levaram o profissional em educação ao ceticismo e ao afastamento também do movimento representativo de sua classe. Disso vem a necessidade de um novo modelo sindical, com políticas voltadas para os novos interesses dos professores, que deem a mão ao doloroso processo de desarraigamento de padrão desgastado do século XX, que resgate a participação ativa dos professores. Em contraposição, o docente precisa se achegar, movimentar a classe no sentido de provocar mudanças significativas para crescimento individual e da classe sindical, pois que a identidade profissional é coletiva, somente acontece dentro de um grupo de afinidades.

5 REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I, CANHA, B. **Supervisão e Colaboração- Uma Relação para o Desenvolvimento**. Porto: Porto Editora, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luiz Antonio Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

COSTA, Lucy Medrado Ferreira. **T&D no INSS – Uma Perspectiva de negociação coletiva**. Curso de Especialização em negociação coletiva apresentado a Faculdade de Administração na Universidade do Rio Grande do Sul. 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. (2010) **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Ed 34, São Paulo: Coleção Trans, 2010.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. Trad. Catarina Matos. Porto: Edições Afrontamento, 2006

_____. **A construção de Si pela atividade do trabalho: a socialização profissional**. Tradução de Fernanda Machado. Cadernos de Pesquisa. Vol. 1 nº 146, maio/agosto 2012.

GOUVEIA, Andréa Barbosa; FERRAZ, Marcos Alexandre dos Santos. **Sindicalismo docente e a política educacional: tensões e composições de interesses corporativos e qualidade da educação**. Curitiba: Editora UFPR. Educar em Revista, n. 48, abr./jun. 2013.

LIMA, Vagna Brito de Lima. **Os processos de Globalização: fenômeno novo ou velho?** Revista Espaço do Currículo, v4 , n 3, setembro a dezembro, 2014.

MAUÉS, Olgaíses; SEGENREITCH, Stella; OTRONTO, Célia. **As políticas de formação de professores e a expansão comprometida.** Revista Educação em Questão, Natal, v 51, n 37, jan/abr 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GUERRIERO, Iara Coelho Zito. **Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa.** Revista Ciência e Saúde Coletiva. Abril de 2014.

NÓVOA, António. **Firmar a posição como professor, firma a posição docente.** Cadernos de Pesquisa. V.47, nº 166. Out/dez, 2017.

RAMACCIOTTI, Bárbara Lucchesi. **Deleuze: "como criar um corpo sem órgãos"?** Psicanálise & Barroco em revista, 2012. v.10, n.2.

RAMALHO, José Ricardo. **Trabalho, Sindicato e Globalização.** Revista das Ciências Sociais, nº 42, outubro de 2014.

SENNETT, Richard. **A Corrosão do Caráter.** Tradução de Marcos Santarrita. 14 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

TARDIF, Maurice.; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 2009.

TEODORO, Cristiane Aparecida Zambolin; LARA, Natália Bianca Bruni de. **Profissão docente numa perspectiva marxist.** 03 agosto de 2015.

TEIXEIRA, Anderson Vichinkeski; SCHIITES, Daniel Severo. **Os Movimentos sociais como defesa dos direitos fundamentais.** 2014.